

Memórias e Fotografias: entre lembranças e reminiscências do passado vivido

Gilmara Ferreira de Oliveira Pinheiro¹.

Resumo: Busca-se aqui, refletir sobre as fotografias e memórias de três irmãs e ex-professoras das Escolas Paroquiais, existentes na região de Jacobina, Bahia, entre os anos de 1939 e 1979. A fotografia será considerada como fonte e registro de memória assim como, de afloramento de lembranças. Tal relação será discutida na fronteira da relação entre história, memória e oralidade, tentando observar, através das fotografias e das “lembranças” tratadas através delas, os tipos de memórias que cada uma das professoras construiu dessa vivência histórica.

Palavras chaves: Memória, Reminiscência, Ressentimento.

Abstract: Find it here, reflecting on the photographs and memories of three sisters and former teachers of parochial schools, in the area of Jacobina, Bahia, between the years of 1939 and 1979. The photo will be considered as source and record of memory as well as outcrops of souvenirs. This relationship will be discussed at the border of the relationship between history, memory and orality, trying to look through the photos and "memories" of them dealt with the types of memories that each of the teachers built this historical experience.

Keywords: Memory, recollection, Resentment.

Em resposta a visão preconceituosa sobre o uso da memória como fonte, os estudiosos da História Oral, embora soubessem que também a fonte redigida poderia ser influenciada por essa mesma “tendência pessoal”, desenvolveram um critério para avaliar a confiabilidade da memória oral.

O novo critério baseado na Psicologia Social, Antropologia e Sociologia, forneceu indicações claras e úteis sobre como interpretar as reminiscências e como combiná-las com outras fontes históricas para descobrir o que ocorrera no passado. (THOMSON, 1997, 52) Entretanto, esta tentativa de, através do testemunho oral, “descobrir o que acontecera realmente no passado”, acabou criando uma história estática e isolada uma vez que, cada pessoa constrói suas memórias de modo muito particular.

Levando em consideração as várias possibilidades da memória individual e sua pluralidade de versões de um mesmo passado, fornecido por vários outros narradores em suas memórias individuais, THOMSON acredita que, enxergar o processo de afloramento das lembranças pode ser a chave para os historiadores explorarem os significados subjetivos das experiências vividas e a natureza das memórias individual e coletiva.

¹ Professora auxiliar de História da América da Universidade do Estado da Bahia, Campus XIII, Especialista em Teoria e Metodologia da História pela UEFS.

Embora POLLAK (1989) esclareça que a memória individual são “acontecimentos vividos pessoalmente”, enquanto que a memória coletiva são os “acontecimentos vividos pela coletividade” que o indivíduo se sente pertencer, e compactuando da idéia de que a memória é construída a partir do pertencimento de cada um que “lembra”, a compreensão que se busca aqui acerca da memória, aproxima-se da perspectiva de PORTELLI (1997), quando o mesmo entende que se deva evitar o termo “memória coletiva” uma vez que, estamos trabalhando com o intuito de registrar lembranças que possam ser coletivamente compartilhadas e aproveitadas. (PORTELLI, 1997, 16). Pois,

Cada pessoa é uma amálgama de grande número de histórias em potencial, de possibilidades imaginadas e não acolhidas, de perigos iminentes, contornados e por pouco evitados. Como historiadores orais, nossa arte de ouvir baseia-se na consciência de que praticamente todas as pessoas com quem conversamos enriquecem nossa experiência. (PORTELLI, 1997, 17)

Sendo cada pessoa uma “amálgama” da pluralidade de suas memórias e subjetividades, entendemos que a memória é uma reflexão sobre o passado, debruçando-se sobre os vestígios presentes para selecioná-los e dar sentido não apenas ao passado, mas, principalmente ao presente de cada indivíduo. Assim, a memória pode ser a afirmação do próprio tempo e entendida como um ato de poder e de conflito onde atuam seus lugares. (GUARINELLO, 1995, 188-189)

Destarte, acreditamos que,

O depoimento sobre fatos ocorridos com uma pessoa ou um grupo já vem emoldurado no que se chama de racionalização, no tornar coerente o que poderia ser tomado pelo ouvinte como incoerência. Nesse tornar coerente o que não parece, no tornar inteligível para o ouvinte o que ele não poderia compreender nos termos próprios de quem narra, o narrador não só informa, mas informa interpretando. (MARTINS, 2008, p. 13)

À medida que a memória de cada indivíduo é revivida quando o ato de recordar é trazido à tona, acreditamos que a memória possa vir a ser ressentida e moldada pelas nossas reminiscências e sentimentos, os mais diversos possíveis, compreendendo assim, que as reminiscências possam ser “lugares de Memória”.

Contudo, pretendemos discutir como a fotografia pode ser um “lugar de memória”, produzindo memórias e trazendo memórias do passado, pois

O processo de recordar é uma das principais formas de nos identificarmos quando narramos uma história. Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de

ser. As histórias que relembramos não são representações exatas do nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e nos moldam para que se ajustem às nossa identidade e aspirações atuais. Assim, podemos dizer que nossa identidade molda nossas reminiscências; quem acreditamos que somos no momento e o que queremos ser afetam o que julgamos ter sido. (THOMSON, 1997, 57)

O termo reminiscência aqui é trazido como possibilidade para investigar os vários processos que envolvem a memória, entre eles o ressentimento, esquecimento e o silêncio. Nesse sentido, reminiscência está sendo compreendida como “passados importantes que compomos para dar sentido mais satisfatório à nossa vida, à medida que o tempo passa, e para que exista maior consonância entre identidades passadas e presentes”. (THOMSON, 1997, 57)

Acreditamos que as fotografias servem não apenas para registrar a memória de um tempo, mas, sobretudo, para guardar e reavivar tempos de memória, bem como os seus lugares, através dos afloramentos de lembranças que as imagens fotográficas produzem a cada vez que são manuseadas. Através delas, é possível “voltar ao passado” e se colocar no mesmo com os olhos do presente, trazendo de lá suas vozes silenciadas pelo tempo, pelo esquecimento, pela saudade e pelo ressentimento no ato constante de reavivar a memória e todas as suas reminiscências.

Todavia, em se tratando do uso da fotografia como fonte documental, Burke (2004) aponta para os cuidados que o historiador deve tomar ao usar esse tipo de fonte, pois para este autor o uso da imagem nos permite “imaginar” o passado de forma mais vívida. Todavia, as imagens são “testemunhas mudas” e é difícil traduzir em palavras o seu testemunho uma vez que elas podem ter sido criadas para comunicar uma mensagem própria, por isso os historiadores devem estar conscientes das fragilidades que esse tipo de fonte evidencia “lendo-as nas entrelinhas”.

BURKE argumenta ainda que o uso da imagem evidencia a história da mesma forma que o fazem os textos e testemunhos orais e que, embora os textos também ofereçam indícios valiosos de reconstituição histórica, as imagens se constituem no melhor guia para apreender o poder das representações visuais nas vidas religiosas e políticas de culturas passadas.

Buscando “ler nas entrelinhas e dar “voz” as “testemunhas mudas”, pretendemos analisar as memórias produzidas através das fotografias das Escolas Paroquiais instituídas pelo padre Alfredo Haasler, através do acervo fotográfico de três irmãs e ex-professoras das Escolas. Como método para o desenvolvimento de nossas análises, nos valeremos das fotografias como caminho para o afloramento das memórias de uma delas: professora Isabel Carneiro.

A partir do ano de 1939, o padre austríaco e da Ordem dos Cistercienses Alfredo Haasler que chegou a região de Jacobina, Bahia, no ano de 1938, começou a construção de Escolas Paroquiais em todo o município, vindo a se tornar mais tarde, numa grande rede de Escolas em toda a região. As Escolas Paroquiais cuidavam do ensino fundamental e da formação religiosa e civil das crianças e adolescentes da região, onde o analfabetismo predominava.

Uma das características que marcou a obra da Ordem na Bahia foi o investimento em ações ligadas à educação. No caso da paróquia de Jacobina, que ficou sob responsabilidade do Padre Alfredo, houve a criação de 48 Escolas Paroquiais, entre os anos de 1939 e 1979, com objetivos educacionais e religiosos muito bem definidos, todas elas muito bem registradas através de fotografias, que compõem um rico acervo espalhado entre dezenas de professoras que trabalharam para as Escolas.

As professoras eram leigas e todas ex-alunas das próprias escolas. Era uma espécie de pré-requisito para tornar-se “professora do padre Alfredo”, como eram conhecidas todas elas, e “o critério de seleção era rigorosíssimo, pois, era o próprio padre Alfredo quem escolhia! Sempre as melhores... Eu fui aluna da Escola e mais tarde, professora”. (PROFA. ISABEL CARNEIRO. CAPIM GROSSO. MARÇO DE 2005)

Após analisar boa parte do Acervo das fotografias, foi possível observar dois aspectos que merecem nossa atenção: primeiro, o caráter das fotografias como registro oficial dos fatos que envolveram as Escolas e sua atuação na região, segundo e ponto de análise para nosso trabalho, os afloramentos de lembranças que essas fotografias podem recompor ao serem manuseadas pelos indivíduos que viveram essa experiência.

Devido à abundante quantidade de fotografias existentes sobre as Escolas em suas diversas localidades, arriscaríamos afirmar que havia uma intenção visivelmente clara por parte do Padre Alfredo, em registrar e criar um arquivo de memória da história das Escolas Paroquiais. Dado que levanta curiosidade exatamente porque o ato de fotografar não era um hábito comum na região e época em questão. Sendo assim, questionamos se a abundância se deve a um gosto peculiar ao padre Alfredo pela fotografia ou se, pelo fato de ser europeu e lá a fotografia já exercia uma importância significativa para os indivíduos ou ainda, se poderia ser esse registro um documento com objetivos específicos para o padre?

Destarte, várias são as possibilidades de análise que o conjunto dessas fotografias pode possibilitar ao estudo das Escolas paroquiais de Jacobina e às relações sociais, religiosas, políticas e de poder a que estas estiveram interligadas. Estamos entendendo

o registro fotográfico em abundância dessas escolas, como uma necessidade de criar um “lugar de memória” para essa história, na medida em que,

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. (NORRA, 1981, P13)

Através de entrevistas feitas com a professora Isabel Carneiro, observou-se que as “professoras do padre Alfredo”, viveram em função das Escolas Paroquiais e que não tiveram muito tempo para construir suas vidas pessoais fora daquele contexto, trazendo um pouco de mágoa desse passado em relação ao presente.

Nenhuma de nós se casou... Também minha filha, não tínhamos tempo!!! Era o ano todo de trabalho. Primeira comunhão em todos os povoados, as festas santas e cívicas... e quando chegavam as férias, a gente ia para o Convento em Jacobina planejar o próximo ano. Ficávamos lá por três meses até que começavam as aulas novamente! (PROFA. ISABEL CARNEIRO. CAPIM GROSSO. MARÇO DE 2005)

O depoimento da professora Isabel, nos permite indagar quais representações do exercício do magistério foram construídas pela sociedade na época em questão? Na tentativa de resposta, entendemos que na maioria das vezes, se tornar professora de uma das Escolas Paroquiais era a única possibilidade de ascensão social visível, uma vez que não havia muitas opções de trabalho que pudessem oferecer a estas senhoras, o destaque social que as Escolas ofereciam.

Dessa forma, as professoras assumiam posições sociais relevantes, formando assim uma espécie de “elite letrada” da região de Jacobina e de suas localidades. Não obstante, ser professora lhes dava não apenas prestígio e representação social, mas também um caráter público à suas vidas pessoais. Principalmente porque, no período que compreende este estudo, o papel da professora deveria estar muito próximo das virtudes religiosas, assemelhando-se assim a uma espécie de “clérigas-leigas”, cujas vidas e comportamentos deveriam ser controlados para modelar a sociedade.

Isso porque,

O controle sobre o comportamento de alunos e professores produziu um leque de conseqüências justificador do projeto republicano. Inicialmente, criou-se uma aura mística sobre a figura do professor (...) As concepções republicanas sobre o magistério, de certo modo, conservaram as antigas prerrogativas existentes em relação aos padres jesuítas, no período colonial: o professor não é apenas um educador, um transmissor de conhecimentos; ele é um formador de caráter. Sua conduta, portanto, tem de ser irrepreensível. (PRATTA, 2002, 154)

Contudo, entendemos que a fotografia não documenta o cotidiano, uma vez que esta faz parte do imaginário e cumpre funções de revelação e ocultação na vida cotidiana, na medida em que as pessoas são fotografadas representando-se na sociedade e representando-se para a sociedade. (MARTINS, 2008, p. 47)

Buscando entender as representações que essas fotografias possam vir a construir, estamos compreendendo a fotografia do início do século XX como um processo, no qual o artista e o fotografado se faziam cúmplices (BURKE, 2004, P. 32). E,

O cuidado com a apresentação pessoal do fotografado é também uma racionalização vestimental com objetivo de fazer-se entender pelo “leitor” da fotografia e preventivamente evitar que a vestimenta própria de um certo código de decoro induza a leitura da foto segundo uma pauta de entendimento que entre em conflito com aquilo que o fotografado entende ser como pessoa e quer dar a ver. (MARTINS, 2008, P. 14)

Nesse sentido, devemos buscar interpretar e desvendar, através fotografias, as conexões entre o visível e o invisível, entre o que chega a consciência da realidade ou ao que se oculta na alienação da própria vida social. (MARTINS, 2008, P.14)



Ilustração 1: Professora Betinha, penúltima professora do lado esquerdo na segunda linha. Única professora com o rosto fissurado na imagem. Na mesma linha, a quinta e sexta da direita para a esquerda, respectivamente, suas irmãs Vivi e Isabel.

Através do manuseio mais detalhado das fotografias das três irmãs, se percebeu que uma delas havia “riscado” o seu rosto de *todas* as fotografias que constavam do arquivo familiar referente às Escolas. Uma ação a princípio pouco significativa, mas que causou certo constrangimento na entrevistada quando interrogada sobre a “fissura” presente nas fotografias. “Não sei por que Betinha fez isso! Ela estragou seu rosto em todas as fotografias...

(pausa) Hoje ela mora em Salvador... Não gosta de falar sobre as Escolas...ela não gosta!”. (PROFA. ISABEL CARNEIRO. CAPIM GROSSO. MARÇO DE 2005)

Cabe-nos esclarecer que a fotografia está sendo aqui compreendida como “um conjunto narrativo de histórias” e não apenas como um fragmento imagético, pois, compreendemos que estas compõem arquivos de memórias das mais diversas possíveis, como as memórias das perdas do que não fora e do que poderia ter sido e do passado que não mais retornará. Memória dos dilaceramentos, dos abismos e distanciamentos.

Sob este aspecto, perguntamos quais teriam sido os afloramentos de lembranças que ocasionaram a ação de simplesmente “apagar-se” ou desejar fazê-lo, dessa memória? O que podemos explorar dessa representação do passado que se busca “esquecer”? como cada uma das professoras se reconhece e constrói seu pertencimento àquela história a partir da fotografia?

Acreditamos que *apagar-se* pode significar a negação daquele passado que a cada momento que é aflorado através das fotografias, pode trazer em suas lembranças o sentimento de frustração e dor pelo casamento que não houve, pelo filho que nunca existiu, pela vida não vivida e pela sensação de ter sido tudo uma ilusão. Podemos interrogar, através do ato de “se apagar” na fotografia, quais as relações de poder que foram estabelecidas por este padre na vida dessas mulheres que, talvez, não tiveram outra escolha senão a de se virem obrigadas a mesmo sem voto e hábito, viver como freiras, enclausuradas pela religião e seus desígnios.

Podemos entender as fissuras no rosto da professora, como um “homicídio simbólico”, na medida em que a fotografia se apresenta como um recurso não apenas do que se queira lembrar, mas também do que se queira esquecer lembrando, pois, o rosto *fissurado* na fotografia aponta para o ausente e a não identidade com aquela lembrança no presente.

MARTINS (2008, P. 28-43) afirma que

A fotografia nega-se enquanto suposição de retrato morto da coisa viva, porque é, sobretudo, retrato vivo da coisa morta. A fotografia aprisiona e “mata” o fotografado, pessoas e coisas. E ao mesmo tempo torna-se coisa viva nos usos substitutivos que adquire (...) É quando de fato se torna representação, isto é, presença do ausente. (...) Ao mesmo tempo, a fotografia se propõe como apontamento da memória, e não como memória, como lembrete do que se perdeu no cotidiano, na banalização, na secundarização de certos acontecimentos, e não se quis perder.

NORA (1981) acrescenta que o ato de lembrar é muito pessoal e quando o indivíduo reaviva suas memórias, esta é carregada pelo muito particular das suas impressões e

sentimentos que foram construídos a partir de reminiscências. Talvez essa compreensão nos faça entender melhor o caso em estudo. Uma vez que o ato da memória é um ato de poder e o campo da memória, o espaço onde atuam seus lugares, é um campo de conflito. (GUARINELLO, 1995, 180)

Para GUARINELLO, os lugares da memória pressupõem uma pluralidade de lugares distintos, particulares, produzidos por instituições e grupos sociais diferentes e que podem utilizá-los como meio de ação e conflito. (GUARINELLO, 1997, 187)

Sendo assim, buscamos interrogar as memórias trazidas pelas fotografias das Escolas Paroquiais observando através dessas reminiscências de memória, o significado e lugar que as Escolas e todo o seu contexto religioso construíram na vida de suas professoras, em particular, da professora Isabel Carneiro.

Contudo, é prudente esclarecer que cada professora compõe suas lembranças de maneira particularmente diferente umas das outras, trazendo dessas lembranças ressentimentos muito pessoais para a composição de suas próprias histórias.

Professora Isabel Carneiro, por exemplo, uma das professoras que, nas fotografias, mais aparece ao lado do padre, relatou, em entrevista, a importância das fotografias como algo que possibilitou o exercício da lembrança daqueles tempos, não permitindo o esquecimento, e frisou como, através destas, aqueles tempos vividos continuavam a ser lembrados por ela e por todos os que queiram saber dessa história. “Ah... Sempre vem gente aqui pedir as fotos para fazer trabalhos das Escolas ou da Faculdade. Eu sempre empresto. Outro dia, levaram para a faculdade e fizeram o painel com elas”. (PROFA. ISABEL CARNEIRO. CAPIM GROSSO. MAIO DE 2005)

Em sua entrevista, a professora Isabel relatou ainda que, devido a questões trabalhistas, houve um desentendimento entre a mesma e o padre antes da sua morte, o que a deixara profundamente decepcionada e triste. Também deixou transparecer uma dor/mágoa/ressentimento muito grande do padre por conta de sua situação atual. Desabafou que o seu grande sonho era o de ter estudado o magistério e que o padre poderia ter feito isso por ela, mas não o fez, embora tenha feito por outras professoras e destacou: “Depois de tantos anos de dedicação às Escolas, hoje eu sou aposentada com apenas um salário mínimo! O que ficou das Escolas só foram as lembranças”. (PROFA. ISABEL CARNEIRO. CAPIM GROSSO. MAIO DE 2005)

Observamos assim, tanto através do depoimento Oral quanto das fotografias, que a figura do padre Alfredo deixara muitas marcas nas vidas das pessoas que conviveram

com ele e que essas marcas carregam em suas memórias vários sentimentos que afloram em suas lembranças.

Diferentemente de sua Irmã Betinha, que não quer falar sobre o assunto e *fissurou* seu rosto nas fotografias, a professora Isabel *quer falar* e lembrar-se das escolas se identificando com elas no passado, mesmo que trazendo ressentimentos dessas lembranças.

Nesse caso em particular, o saudosismo da época vivida e o ressentimento do presente em função desse passado foram visíveis nos depoimentos da professora. Durante todo o tempo em que manuseava as fotografias das Escolas, a professora demonstrava se identificar com aquele passado. Ao olhar as imagens, demonstrava reencontrar-se com aquele “lugar em sua memória”. O lugar social e de poder que tivera durante o período das Escolas, o lugar do tempo que vivera aquela história.

Contudo, o ressentimento do que não conseguiu fazer em função da vida de sacrifício e dedicação que destinou à causa e obra das Escolas Paroquiais, e principalmente o sentimento de ingratidão pelo seu trabalho, caracterizaram seus depoimentos e suas memórias. “Padre Alfredo foi muito ingrato e injusto conosco, depois de tanto tempo de trabalho e dedicação, não ter ficado nada!” disse a professora por mais de uma vez.

Enquanto sua irmã, professora “Betinha,” com a ação de “riscar” seu rosto nas fotografias, como se numa tentativa de retirar a sua participação daquela História do seu tempo presente, demonstrou através das fotografias e do próprio depoimento de professora Isabel, querer *esquecer-se* e simplesmente *apagar* aquela história dos afloramentos de suas lembranças, a professora Isabel questionava o fato de ter sido “apagada” alheia à sua própria vontade, através do não reconhecimento de sua participação nessa História.

Perguntamos assim, os motivos desse “esquecimento”? Quais os sentidos para apagar-se e apagar o outro dessas memórias? O que levou essas ações? Quais relações de poder foram estabelecidas entre o padre e as professoras e entre elas mesmas?

A essas perguntas, sacrifício, dedicação, dor, mágoa, ressentimento, saudade e silêncio são palavras e sentimentos que aparecem nos discursos orais a cada momento em que as fotografias são manuseadas por essa professora e esses tempos vividos voltam a cercar suas lembranças, tornando-se novamente num lugar, ainda que não mais exista de forma material, mas em suas Memórias.

Ou seja, a atomização de uma memória geral em memória privada dá à lei da lembrança um intenso poder de coesão interior. Ela obriga cada um a se relembrar e a reencontrar o pertencimento, princípio e segredo da identidade. (NORA, 1981, p 18)

O que podemos observar e relacionar entre os depoimentos da professora Isabel e a atitude da sua irmã Betinha de *fissurar* sua imagem no registro, é que suas memórias, trazidas através das fotografias, estão moldadas às identidades construídas por cada uma delas no curso de suas histórias, pois nossas reminiscências também variam dependendo das alterações sofridas por nossa identidade pessoal supondo assim uma relação dialética entre memória e identidade, sendo que o processo de recordar é uma das principais formas de nos identificarmos toda vez que narramos uma história, moldada pelas nossas reminiscências. (THOMSON, 1997)

Essa conclusão talvez nos explique melhor o porquê das duas irmãs se identificarem de forma tão diferente quanto as suas lembranças e fotografias das Escolas. Pois, “a investigação e análise das histórias e silêncios do testemunho oral podem revelar, de forma ampla, a natureza e os significados da experiência e as maneiras como relutamos nossas reminiscências sobre o passado durante toda a vida”. (THOMSON, 199: 67)

Dessa maneira, compreendemos que a investigação sobre as Escolas Paroquiais, utilizando das suas fotografias como veículo, possibilitou que os silêncios e as reminiscências dessas lembranças aflorassem das experiências vividas pelos seus atores.

Assim, o arquivo de memórias fotográficas das Escolas Paroquiais possibilita que as suas lembranças aflorem e tragam à tona as reminiscências dos dias áureos de suas vidas e histórias, bem como possibilita que suas histórias não sejam esquecidas pelo tempo. Além disso, permite que através das lembranças afloradas pelas fotografias tidas como “testemunhas mudas”, mas que podem trazer as “vozes do passado vivido”, outras pessoas que não tiveram a oportunidade de conviver e conhecer as Escolas Paroquiais, possam conhecê-las.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BURKE, Peter. Testemunha Ocular. História e Imagem. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. Memória Coletiva e história científica. IN: Revista Brasileira de História, vol. 15, n. 28, São Paulo, ANPUH-Marco Zero, 1995, p: 180-193.
- MARTINS, José de Souza. Sociologia da Fotografia e da Imagem. São Paulo: Contexto, 2008.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História. IN: Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, 1981, p. 7-28.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento e Silêncio. IN: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p: 3-15.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. IN: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p: 200-212.

PRATTA, Marco Antônio. Mestres, Santos e Pecadores. Educação, Religião e Ideologia na Primeira República Brasileira. São Carlos: RiMa, 2002.

THOMSON, Alistair. Reconstituindo a Memória. Questões sobre a relação entre a História Oral e as Memórias. IN: *Revista Projeto História*. São Paulo, v. 15, abril de 1997, p: 51-84.